



MONOTIPIAS À MARGEM - UM PERCURSO ENTRE LINGUAGENS

NOGUEZ, Cristina Barbosa¹; LORETO, Mari Lucie²

¹ Acadêmica de Artes Visuais (IAD-UFPEL) cris.bn@bol.com.br; ² Orientadora (Professora do Instituto de Artes e Design – UFPEL Dra. em literatura comparada UFRGS) mari_lucie@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa *Monotípias à Margem* trata-se de uma investigação acerca da produção visual do meu trabalho de conclusão de curso como uma série de imagens formadas na margem da Praia do Laranjal, Pelotas/RS/Brasil. Elas são, em um primeiro momento, fotografias passando para a monotípia e retornando para a fotografia. Um processo de ir e vir entre linguagens orienta minha produção, pois parto de uma série de imagens fotográficas que registram momentos da margem, do horizonte, e principalmente das ondas na água e do encontro destas com a areia. Depois, através da monotípia (uma técnica da gravura), resgato marcas deixadas na areia, rastros das ondas, marcas de um movimento contínuo, ao qual associo à idéia de tempo. E finalmente, volto a fotografar estas marcas já no suporte.

A monotípia é uma técnica ancestral na gravura, ela remonta ao homem que tinge a mão e a imprime na caverna. É chamada de monotípia porque é um processo no qual obtemos um único exemplar da matriz e uma única cópia. A matriz na monotípia pode corresponder a qualquer superfície que transpõe uma imagem a um suporte. Como matriz, utilizo a margem da praia, e o meu suporte é um tecido leve e transparente. As ondas deixam sua marca na areia e eu as imprimo, sobreponho, fotografo e exponho transformando-as rapidamente, onde só um olhar mais atento poderia apreendê-las no seu local de origem, uma vez que a ondulação é contínua, e cada onda sobrepõe a sua marca à onda anterior e será sobreposta pela vindoura.

Ao invés de trabalhar com uma idéia de tempo em uma linha reta com sucessões de horas e dias (presente imóvel, sucessão de dias que diz: “isto é passado e isto é presente”), opto por um tempo em rizoma, linhas de tempo em várias direções, mas que se interligam, e que no meu trabalho estão juntas, sobrepostas ao olhar. Olhar que entra neste rizoma temporal por todo e qualquer ponto, seja ele passado ou presente. Assim sendo, reúno marcas impossíveis, isto é, possíveis em tempos ou mundos distintos. Há um só tempo, único, inteiro, interligado, aberto. Embora as marcas permaneçam, podemos ver tons de tempos mais distantes e mais próximos, e assim o rizoma vai se formando, se desdobrando, se expandindo como a ondulação, que no mesmo movimento contínuo de vai e vem, deixa marcas, registros da passagem do tempo.

2. METODOLOGIA

Em um primeiro momento, a fotografia era uma ferramenta de registro e estudo das imagens, porém nos desdobramentos da minha produção, tais fotos passaram a ser elementos de comparação, de indagação não só para mim, mas também para o observador, o qual vê a fotografia da margem real ao lado da

fotografia das ondas no suporte das monotipias. Assim se estabelece uma relação de estranhamento de uma paisagem presente no imaginário comum e de uma outra que se forma no plano pictórico, e que em seguida, leva o espectador a entrar neste tempo em expansão. O olhar a passear dentre o rizoma, a se envolver pelas ondas, vai acompanhando o movimento contínuo de ir e vir do tempo, de ir e vir das ondas.

Depois das fotografias, capto as marcas da margem através da monotipia. E finalmente, volto a retratar as ondas, porém não as ondas na praia, e sim as marcas deixadas por essas ondas no suporte das monotipias: o tecido voal. Dobro e desdobro as monotipias, formo novamente ondas, passagens, sobreposição de tons, de dias, de tempos. Trabalho com a sobreposição não só no momento em que as monotipias já estão prontas, mas também porque as marcas são recolhidas em momentos ou dias diferentes e justapostas onde naturalmente nunca poderíamos ver tais marcas simultaneamente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Meu processo de criação une monotipia (técnica de gravura do século XVII com Giovanni Benedetto Castiglione, 1616-1670, artista considerado seu primeiro explorador) e fotografia (tecnologia do século XIX que foi incorporada pelos artistas, a máquina fotográfica portátil foi inventada por George Eastman em 1888 e as cores foram adicionadas em 1907 por Louis Lumière). Hoje, com essa prática, também estou unindo pontos do tempo, linguagens distintas e que atravessaram o tempo se tornando práticas contemporâneas. A monotipia, apesar de ser uma técnica aparentemente simples, pode produzir diversos resultados visuais, é um processo híbrido entre a pintura e a gravura (e o desenho já é inerente tanto à pintura quanto à gravura). É uma técnica versátil, e por isto, largamente utilizada por artistas contemporâneos. Artistas que usam a monotipia em sua produção, tais como: Carlos Vergara (imagem 10); Mira Schendel (imagem 11); Maristela Salvatori (imagem 12); Luise Weiss (imagem 13); entre outros.

Na monotipia o trabalho pertence às mãos, as quais põem o pó de tinta na margem da praia, mãos que se entintam também, que sentem a areia e a água, é um contato sensorial, que envolve visão, tato, cheiro, intuição, surpresa em relação ao que as ondas irão imprimir, movimento do corpo com o suporte, sentir o lugar e os materiais. E na fotografia a busca da luz, da forma, da textura e da cor é feita pelo olhar, o qual percorre superfícies, relevos, camadas sobrepostas. Com a fotografia apreendo o que vejo, o que sinto ao olhar. Passou a ser mais do que um registro de momentos, as fotos revelam o espaço/tempo real e pictórico. Realidade e subjetividade caminham juntas na formação deste rizoma de imagens e tempos.

4. CONCLUSÕES PARCIAIS

O tempo sempre foi uma questão de pesquisa de vários artistas, e na contemporaneidade ele ainda é o mote de produções. Os materiais são pensados em relação ao tempo como movimento, movimento de repetição e variação, de sobreposição, de dobras e desdobras justapostas. Assim sendo, a transparência do suporte das monotipias, produzidas na margem da praia pela ondulação, é fundamental para o desenvolvimento da proposta.

Fotografia e monotipia trazem um diálogo entre linguagens, propõem um olhar diferenciado, envolvendo o observador, ao revelar marcas reais em planos pictóricos. Assim como as ondas deixam marcas únicas, a monotipia produz impressões únicas; como o tempo e a água estão em constante movimento, os tecidos são sobrepostos, dobrados em múltiplas possibilidades, **sendo que**, deste modo, as marcas das ondas continuam em transformação, seguindo o movimento de ir e vir naturais.

O meu processo de criação se faz à margem da praia e no ateliê. Em ambos os lugares, enquanto produzo, sinto um tempo em suspenso, etéreo como as camadas marcadas que se sobrepõem e fotografo. Logo, o tempo é envolvimento assim como a água e o tecido (ver fotografias 1 a 9 em imagens).

5. IMAGENS ..



Cristina Barbosa Noguez, sem título, Fotografias digitais, de 1 a 9 da esquerda à direita e de cima para baixo. 2008.



10



11



12



13

10 Carlos Vergara (1941, Santa Maria/RS/Brasil), sem título, Monotipia e pintura sobre lona crua, 190x80 cm.

11 Mira Schendel (1919, Zurique/Suíça), sem título, Monotipia sobre papel, 47x23 cm 1963.

12 Maristela Salvatori, Monotipia, Fès, 2003.

13 Luise Weiss (São Paulo 1953), Retratos, Monotipia sobre papel, 0,80x0, 60 cm, 1995.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria.** Tradução Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989

BRITES, Blanca e TESSLER (orgs). **O Meio como Ponto Zero: Metodologia da pesquisa em artes plásticas.** Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS, 2002

BUTI, Marco. **Gravura em Metal**. Ana Leticia (org). A Gravação como Processo de Pensamento. São Paulo: EDUSP, 2002

DELEUZE, Gilles. **Uma Vida Filosófica**. Eric Alliez (org), coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: 34, 2000

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Editado por Michael Schröter. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

FOCILLON, Henri. **Vida das Formas**. Tradução Lea Maria S. V. de Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 1983

LUIJPEN, Wilhelmus Antonius Maria. **Introdução à Fenomenologia existencial**. São Paulo: EDUSP, 1973

NOVAES, Adalto [Et al]. **O Olhar**. São Paulo: companhia das letras, 1988

PELBART, Peter Pál. **O Tempo Não-Reconciliado**. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 1998

PONTY, Maurice Merleau. **Fenomenologia da Percepção**. Capítulo II **A Temporalidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999

PONTY, Maurice Merleau. **Os Pensadores – Textos Selecionados**. Seleção de textos de Marilena de Sousa Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1980

SARTRE, Jean-Paul, FERREIRA, Vergílio. **O Existencialismo é um Humanismo**. Lisboa: Presença, 1978.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *L'Empreinte*. Paris : Centre Georges Pompidou, 1997.

Porto Arte v. 13, nº. 21, maio 2004. Porto Alegre: Instituto de Artes/UFRGS, 2004